

NOTÍCIAS ACADÊMICAS

Conceição Arruda TOLELO

CADEIRA N.º 25 — Esta cadeira, cujo sócio fundador foi o Dr. Paulo de Castro Pupo Nogueira, tem como patrono, por insistentes pedidos de seus ex-alunos e familiares de alunos já falecidos, ao Professor João Batista Pupo de Moraes e como titular atual, ao General Luiz Felipe da Silva Wiedemann.

JOÃO BATISTA PUPO NOGUEIRA — nasceu em Santos a 21-6-1821; filho de abastado comissário de açúcar e vereador à Câmara Municipal daquela cidade, o Capitão Flórido José de Moraes. Sua mãe, a senhora Da. Maria das Dores Bruno Pupo, era filha do rico sargento-mor (major) de Iguape e Comandante militar desta praça, Bento Pupo de Gouvêa.

João Pupo foi batizado na Matriz de Santos a 27-6-1821, pelo Vigário Padre José Antonio da Silva Barbosa (que acumulava o cargo de Vigário da Vara), tendo por padrinhos o Capitão-Mor de Santos, João Batista da Silva Passos e Da. Maria Luiza Machado. Aos doze anos ficou órfão de pai, em Iguape, para onde a família tinha ido à procura de saúde para o chefe, voltando para Santos no ano de 1836 com sua mãe e irmãos. A fim de preparar-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, veio com um dos irmãos para Campinas, onde já residia seu tio materno Dr. Francisco de Assis Pupo, promotor público em São Paulo, e em Campinas, juiz municipal, senhor de engenho e cavaleiro da Ordem de Cristo. Aqui foi aluno do Padre Dr. Miguel Arcaño Ribeiro de Castro Camargo, que ocupou relevantes cargos, inclusive o de juiz de órgãos, (1840), fazendo todo com ele o curso preparatório; versado em Virgílio e Cícero, contudo, não cursou a Faculdade, levado pela profunda vocação ao magistério, ao qual dedicou toda sua vida.

Liberal convicto, participou do movimento revolucionário de 1842, tomando parte no combate da Venda Grande, cujas tropas sofreram dura derrota; após esse episódio que se tornou famoso, João Pupo homiziou-se em Capivari, dedicando-se ao ensino, até o ano de 1844, quando foi concedida anistia ao revoltosos. De volta a Campinas, em companhia de Quirino do Amaral Campos, voltou a dedicar-se ao magistério, passando por sua escola eminentes vultos brasileiros, tais como Campos Sales, Bernardino de Campos, Pinto Ferraz, Francisco Glicério e muitos outros.

Casou-se com Da. Luiza Gabriel Teixeira Nogueira, filha do Major Luciano Teixeira Nogueira e de Da. Francisca de Paula Ferraz. Abandonou temporariamente o magistério para dedicar-se à agricultura, na fazenda Cachoeirinha, desmembrada da grande fazenda Laranjal, de seu sogro, cuja sede é hoje o distrito de Joaquim Egídio. Magnânimo, proscreeu os castigos a seus escravos, e como consequência, teve prejuízos na produção agrícola, devolvendo a seu sogro a propriedade e retornando a suas atividades no setor do ensino, para o qual era especialmente dotado.

Exerceu as funções de juiz de paz de vereador (1853-56). Fundou nas terras da fazenda Laranjal o Colégio São João Batista, o primeiro internato de meninos, em Campinas, frequentado principalmente por filhos de fazendeiros. A respeito desse Colégio, Leopoldo Amaral e João Lourenço Rodrigues referiram-se com os termos mais elogiosos. Na "Monografia Histórica de Campinas", de autoria de João L. Rodrigues, à pg. 398, há o relato do programa, que constava do seguinte: ler, escrever e contar; gramática francesa, latim, geometria, geografia e doutrina cristã. Diversos professores compunham o corpo docente, e os alunos alcançavam a casa dos oitenta! A "Gazeta de Campinas", no ano de 1872, declina os nomes dos alunos que sobressaíram nesse Colégio, afirmando que "foi dos melhores colégios do tempo, contribuindo talvez, para isso, a sua situação no meio rural". Contratou o abnegado professor, para ministrar aulas a seus alunos, grandes nomes nacionais e estrangeiros: Alexandre Pladère, Luiz Ubcini, Teodoro Huffenbaker — o Enciclopédico; Alexandre Hucke, Leon Blazeck, Luiz Barreto, Elias Pimenta de Almeida Prado, Antonio Damião da Costa Camargo, Herculano Pupo Nogueira e Tarquinio Siva.

Era amado e respeitado por todos os alunos, fato esse testemunhado anos depois pelos Drs. José Ferreira de Camargo e Antonio de Castro Prado, que em 1940 propuseram ao Governo do Estado o nome de João Pupo para o Grupo Escolar de Joaquim Egídio.

A primeira sede do Colégio, instalada em uma casa assobradada, vasta e acolhedora, foi destruída por um incêndio, irrompido pela madrugada, nos depósitos de lenha, no porão da casa, sem vítimas, felizmente, apesar de os alunos, muitos deles atacados por uma epidemia de sarampo, ficarem expostos aos rigores do frio, sobre suas camas, no terreiro de café.

Mais tarde o colégio foi reinstalado na antiga colônia de suíços e belgas, trazidos pelo fazendeiro, na colonização promovida pelo Visconde de Vergueiro e se articulava com outro colégio, em S. Paulo, para o prosseguimento dos estudos superiores, cujo proprietário era um irmão do professor João Pupo, o Dr. Antonio de Moraes Pupo. Tal colégio se denominava "Culto à Ciência", que veio mais tarde dar nome ao Colégio "Culto à Ciência" Campinas, que teve como um de seus fundadores, o Dr. Antonio Pompêo de Camargo, concunhado de João Pupo. Com a fundação do Colégio em Campinas, extinguiu-se o Colégio São João Batista, e o velho professor deixou o magistério, mudando-se para Itatiba, onde residia seu filho Herculano Pupo Nogueira. (1881). Ali dedicou-se a uns poucos alunos e à pobreza, vindo a falecer a 16-1-1906, com 85 anos de idade. A Câmara Municipal de Campinas deu o seu nome a uma rua da cidade.

(continua)